

Dr. MAGALHÃES LIMA

Rafael Bordalo
Pinheiro ~ ~ ~

Moralizador político e social

CRUZ MAGALHÃES

O Museu Rafael
Bordalo Pinheiro
biblioteca



COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1925

RAFAEL BORDALO PINHEIRO

MORALIZADOR POLÍTICO E SOCIAL

A acção dos homens, que exercem influência nas Sociedades, é complexa e múltipla. A de Rafael Bordalo Pinheiro foi benéfica nos costumes, nas ideas, nas artes, no progresso, e, como não podia deixar de ser, na política.

A influência social, nos vários ramos em que Rafael Bordalo Pinheiro a exerceu, foi altruista e fecunda; na política foi importantíssima, por vezes decisiva.

Falar de Rafael Bordalo Pinheiro político, é como falar de mim mesmo, porque mutuamente nos acompanhámos, durante um longo período de combate — tempo de fé, de entusiasmo e de fogo sagrado! E esta feição da sua existência não é menos interessante do que a de Rafael caricaturista, a de Rafael ce-

ramista, a de Rafael ornamentador, a de Rafael, grande e poderoso artista, numa palavra.

Há quem pense que um artista se não deve emiscuir na política. Mas há duas espécies de política — a política reles, egoísta e mesquinha das clientelas, das oligarquias e do caciquismo, e a política genérica, ampla, política de princípios, política de ideal, de perfectibilidade humana!

Creio que um caricaturista não pode deixar de ser político, porque tem de combater erros, prejuízos, mentiras, preconceitos, apanhando em flagrante os vícios do seu tempo e os feitos dos que se julgam superiores ao vulgo pelos seus elixires de longa vida.

A caricatura é um ariete que derruba potentados. É uma das fórmulas de combater abusos e iniquidades. Os próprios ditadores têm medo do ridículo. O ridículo esmaga; o ridículo aniquila. Cair pelo ridículo é a mais inglória das quedas.

Quantas malfeitorias políticas terá a caricatura evitado?

A imoralidade é um perigo. Ao cabo de algum tempo tende a tornar-se normal e o

público deixa de distinguir o bem do mal. A caricatura pode evitá-lo.

Eu mesmo me fiz político por uma questão de arte. Contemplando o firmamento azul, na sua beleza e na sua magestade, a cada passo exclamava: ; se a natureza é tão boa, porque não hão-de ser os homens igualmente bons? Porque tanta perversidade e tanto ódio?

E comecei a lutar por um ideal de perfectibilidade humana. Creio que todo o artista é dominado pelo mesmo ideal, que se traduz na lei do amor e da harmonia universal — a lei do amor, lei da natureza, que será também um dia a lei da humanidade, superior a tôdas as leis feitas pelos homens, a todos os dogmas, a todos os protocolos, a tôdas as convenções sociais.

Emile Zola dá-me razão, quando escreve :
«Uma obra de arte é um recanto da natureza, visto através de um temperamento».

*

; Assim, pois, que ninguém se assuste! O riso é o verbo da formosura. O Bordalo po-

lítico é o homem que ri, e, rindo, à maneira de Aristofanes e de Rabelais, castiga os maus costumes e zurze os conselheiros enfatuados e os Messias de pacotilha. Esta flagelação reveste um grande fundo moral. Parecerá a muitos que a caricatura é uma coisa frívola e banal. É um êrro. Há desenhos de Rafael que, além de serem verdadeiras obras de arte, constituem soberbas páginas de história contemporânea. O seu lápis foi um admirável cooperador da nossa obra de demolição no tempo da propaganda.

Todo o homem ri. Mas só o homem de espírito sabe rir. Cada caricatura de Rafael valia mais, pelo poder da sugestão, do que um artigo de fundo nosso. O povo simplista nem sempre alcança a idéa do escritor. Não deixa, porém, de compreender a gravura, a imagem, que lhe fere a retina e lhe seduz o olhar.

O cinematógrafo triunfou por isso mesmo. A demolição pelo desenho é decisiva.

Gavarni, que exerceu uma notável influência na sociedade francesa, e que possuía o segredo dos contrastes, num traço realista fotografou a vida em duas caricaturas: a pri-

meira, com a seguinte inscrição — quando tinha dentes não tinha pão, e a segunda com esta outra — agora que tenho pão não tenho dentes. Se êle vivesse hoje não deixaria, por certo, de estabelecer o contraste dos novos ricos. É a história de *Pedro Sem...* ao inverso.

*

Êste estudo foi originariamente feito para uma conferência, que realizei no Campo Grande, junto ao monumento do glorioso Artista, em frente do «Museu Rafael Bordalo Pinheiro». Sofreu alguns retoques e ampliações.

Vou explicar como se originou a idéa da conferência.

Estando um dia a contemplar o busto do genial artista, disse de mim para comigo :

¿ Porque é que se não há-de fazer uma conferência, junto do seu pequeno monumento, em contacto com a natureza que êle amou? E lembrou-me o episódio de Lord Byron que mandou construir uma casa em Ravenna, na linda cidade do Adriático, onde passei alguns dias, não longe do túmulo de Dante, para

estar mais em contacto com o espírito do divino poeta.

Afigurou-se-me que o bucolismo do cenário — as flôres, as árvores, o chilrear das aves — eram já de si uma bela homenagem a quem tanto amou a natureza e seriam um auxílio poderoso ao conferente. Recordo também o congresso de turismo, da Serra da Estrêla, realizado a 1.500 metros de altura, a que assisti. Não sei se o Sinai donde Moisés ditou as tábuas da lei seria muito mais alto. Como quer que seja, não estou arrependido desta iniciativa, logo aplaudida pelos *Amigos Defensores do Museu*.

A data quasi coincidiu com a doação do Museu e edifício por Cruz Magalhães à Câmara Municipal de Lisboa.

Eu disse na conferência: «Uma chuva de flores cai sôbre a cabeça de Cruz Magalhães e, por entre elas, desfere o vôo a branca pomba, levando no bico o ramo da oliveira, símbolo da paz e da concórdia. Um museu é uma obra de paz, como tôda a obra de arte».

Cruz Magalhães, doando a linda casa em que habita, e o Museu, ao município da capital, esboça um gesto, à maneira de Carnegie

e de Rockefeller. Os gregos e os romanos, no seu impulso apaixonado pelas letras e pelas artes, tiveram os seus Mecenas.

O nome do laborioso coleccionador ficará esculpido em bronze nos nossos corações. Os monumentos que mais perduram são os que a gratidão dos povos grava no mármore dos bemfeitores da humanidade. O museu, ficará como um precioso documento da vida portuguesa. E o pequeno monumento, prova de carinho e de enternecida admiração, enfileira ao lado dos que a alma nacional consagrou — o do grande Afonso de Albuquerque, do Duque da Terceira, de Saldanha, de Camões, de Eça de Queirós, de Pinheiro Chagas, de Eduardo Coelho, e próximamente, assim o espero, de João de Deus, de Guerra Junqueiro, de Teófilo Braga, de Gomes Leal, de Alfredo Keil, de Pombal, e de outros.

O gesto singular de Cruz Magalhães, assombroso para o nosso País, pode traduzir-se numa simples frase: renunciando ao seu confôrto próprio, teve a grandeza moral de um apóstolo, ficando com menos do que deu.

*

Três conferências se realizaram já para apreciar a obra de Rafael Bordalo Pinheiro : a primeira foi uma encantadora *causerie* do dr. Xavier da Costa. Dizia João de Deus que se devem recitar versos com a mesma espontaneidade com que se conversa. O dr. Xavier da Costa, conversando, possui o segredo da beleza estética. A segunda conferência foi feita pelo brilhante escritor e exímio professor, Manuel de Sousa Pinto, que tem o condão da scintilação do espírito, da elegância, muito aproximada de um conferente parisiense. A terceira deveu-se à zelosa e inteligente conservadora do Museu, D. Julieta Ferrão. Foi um admirável estudo, abundante em documentação, da personalidade de Bordalo, a que dão singular relêvo as corrigendas e as notas inéditas.

Pertenceu-me a mim realizar a quarta sobre «Bordalo e a sua acção moralizadora na Sociedade Portuguesa», Rafael foi um revoltado, um combatente famoso, um demolidor construtivo. A revolta é o apanágio das

almas de eleição. Revoltados foram todos os precursores das grandes causas, e são-no, ainda hoje, os apóstolos da Verdade, da Liberdade, do Direito e da Justiça.

A própria natureza se revolta de quando em quando.

Podia dar-lhes aqui uma longa lista dos admiradores de Rafael Bordalo no estrangeiro. Direi apenas que o grande caricaturista Gil o considerava um dos primeiros no seu género. Êle fez com o lápis o que Rochefort fez com a pena na *Lanterna*. Os republicanos devem-lhe muito, muitíssimo. E, se alguns não foram justos para com êle, eu gabo-me de lhe ter ficado fiel — fiel em vida e fiel à sua memória.

*

Para bem se definir um escritor ou um artista, é preciso conhecer o meio em que êle viveu. A influência do meio é decisiva sôbre o artista, sucedendo também algumas vezes o contrário — a influência dos indivíduos sôbre o meio.

Carlyle attribui os maiores acontecimentos da história aos grandes homens, aos quais se

convencionou chamar heróis. Michelet pensa que o heroísmo está na massa anónima. A grande guerra rectificou esta tese, com a apoteose do soldado desconhecido. Parece ter sido êste o critério de Rafael, na maravilhosa criação do *Zé-Povinho*, verdadeira encarnação do povo português que retratou, em 1890, por ocasião do *ultimatum*, altivo, forte, decidido, de gesto viril, à maneira de Viriato, e que fotografou depois da falência dos esforços para se reprimir a afronta da Inglaterra como um bonacheirão, um eterno explorado.

Esta figura nacional, tornada histórica, póde comparar-se à de Jacques Bonhomme, simplório, de uma singular bonhomia, simbolizando o bom senso público e o desinterêsse das materialidades terrenas. Zé Povinho e Jacques Bonhomme assemelham-se na boa fé, que os caracteriza.

Teófilo Braga comparava o povo ao boi possante, que aceita a canga, por ignorar a fôrça de que dispõe.

O protesto do Artista identificou-se com o sentimento nacional. Foi profundo de indignação e de veemente cólera. Como exemplares dessa indignação e dessa cólera não

esquecerei as três soberbas peças de cerâmica da sua autoria: *John Bull*, escarrador; *John Bull*, cinzeiro, e *John Bull*, vaso... de noite.

*

As tendências liberais de Rafael Bordalo manifestaram-se primeiramente na *Lanterna Mágica*, onde teve por colaborador Guilherme de Azevedo e Luís de Andrade, e depois no *Mosquito* e no *Besouro*, fôlhas que ilustrou no Rio de Janeiro, com rara coragem e audácia.

Para amar uma causa é preciso haver sofrido por ela. Durante a sua estada no Rio, Rafael foi caluniado, ameaçado, chegando mesmo a esboçarem-se dois atentados contra êle. Atribuíram-se estes manejos ao seu rival o caricaturista italiano Agustini e aos políticos que êle combatia.

A feição do *Mosquito* era abertamente anti-clerical. Foi no tempo em que Saldanha Marinho, Quintino Bocayuva, Lopes Trovão e José do Patrocínio estavam em plena evidência. Saldanha Marinho, no Brasil, e João Bonança, em Portugal, advogavam, com igual fervor, a introdução do registo civil no có-

digo. Especialmente defendiam, com Alexandre Herculano, o casamento civil. Saldanha Marinho, que Rafael enalteceu, era o chefe da democracia brasileira. Com João Bonança deu-se o que todos sabem. Sendo padre, foi repreendido pelo patriarca o cardeal D. Américo, pela sua propaganda irreverente. Não desejando travar discussão com o seu superior hierárquico limitou-se a despir as vestes sacerdotais lançando-lhas aos pés, recuperando assim a sua liberdade de acção. Desaparecia o padre para dar lugar ao homem e ao apóstolo da República.

Desgostoso, Rafael regressou a Portugal.

Para bem se apreciar a importância política do glorioso artista, teremos de recorrer a cinco factos culminantes: a *celebração do tricentenário de Camões*, o *tratado de Lourenço Marques*, o *Ultimatum*, a *Salamancada*, a *Questão dos Tabacos*. Dois símbolos, devemos dizê-lo, se acentuam, em tôdas as suas deliciosas *charges*: a *barriga*, que foi substituída, em nossos dias, pelo *tubarão*, e a *albarda*. A albarda é significativa: representa o *Zé-Povinho*, eterna vítima, transformada em bête de carga.

*

O Centenário de Camões marcou um período de reviviscência nacional e o início da organização do partido republicano português. A celebração do Centenário assinalou a entrada triunfal da Democracia em Portugal. Dos nove membros que faziam parte da comissão morreram sete — o Visconde de Jorumenha, Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão, Eduardo Coelho, Luciano Cordeiro, Rodrigues da Costa, Teófilo Braga. Estão vivos Jaime Batalha Reis, Rodrigo Pequito, e eu.

Teófilo Braga, a quem Rafael tanto admirava, com uma previsão nítida dos acontecimentos (saber é prever) fez, durante três anos, a propaganda da celebração, por meio de artigos e de conferências. A comissão de que fazíamos parte era chamada irónicamente pelos jornais progressistas *Comité de Salvação Pública*.

O que foi aquele cortejo, só o podem imaginar os que a êle assistiram. Abro um parêntese, para recordar, como simples curiosidade, um pequeno incidente que se deu com

Ramalho Ortigão, por ocasião da formatura do cortejo no Terreiro do Paço. Ambos nós estávamos empenhados na representação dos pescadores: êle celebrava a bravura dos poiveiros e eu a galhardia dos aveirenses. Tomando-me pelo braço, apresentou-me os seus pupilos, alguns dos quais tinham os peitos cobertos de insignias honoríficas. Por minha vez, tomando-lhe também o braço, apresentei-lhe os meus amados pescadores aveirenses. ¡Nem uma medalha! ¡Nem uma condecoração! Peito e pernas nus, à maneira do napolitano Mazzanielo.

— Bem se vê, querido amigo, que estes pertencem à pátria de José Estêvão — exclamei.

Transporto-me ao memorável dia 10 de Junho de 1880. É uma visão radiosa. Estou ainda a vêr a caravela histórica, leve e elegante, quando beijava as ondas do mar, atravessando as ruas da cidade, ladeada por intrépidos marinheiros. Estou ainda a vêr o espectáculo único, emocionante, da confraternização das classes, numa alegria doida. Parecia um novo período histórico que começava. Teófilo Braga amou Camões e tornou-o amado. Daí em diante principiou a

falar-se nas nossas descobertas, na nossa epopeia marítima, no esforço da raça. Foi uma verdadeira ressurreição.

Como todos sabem, os progressistas, então no poder, hostilizaram a comemoração. As caricaturas de Rafael, publicadas no *António Maria*, são simplesmente assombrosas, em duas páginas, que se relacionam intimamente no número de 27 de Maio de 1880. Intitulam-se «Paralelos divinos e profanos». Na primeira está D. Luís de manto e botas altas, amável, braços abertos, recebendo S. Jorge, amparado pelos seus pretos; numa moldura, um pouco ao alto, vê-se D. João VI sorridente, desvanecido. Este desenho, em cima, tem: «A procissão católica»; em baixo: «Pois não, meu caro S. Jorge! Escusava de cá vir. Logo à tarde lá vou dar o passeio do costume pela rua dos Capelistas. Então, não se senta? ...».

Na página da direita avulta Camões de bronze, figura altiva, empurrado por Luciano Cordeiro, Ramalho Ortigão e Eduardo Coelho. D. Luís, com *robe de chambre*, chinelos e barrete de borla, escova, ou dá lustro à corôa, com uma escôva de cabo; um archeiro olha com rancôr e desprezo o épico, D. João VI,

no quadro, tem catadura feroz e ameaçadora. Em cima do desenho lê-se: «A procissão cívica»; em baixo: «Sr. Camões, enquanto ao que Vocemecê me diz, não sei se posso ir à sua procissão. Estou a preparar-me para ir dar uma passeata com o meu amigo S. Jorge. Olhe, o que resolver lá lho mando dizer pelo José Luciano ao Largo do Loreto. Passasse muito bem, sr. épico».

A resposta é flagrante, no número seguinte ao cortejo, 17 de Junho. Intitula-se «Crónica do Centenário»: Camões amável, numa leve curvatura, gigantesco, tem por detrás a sombra do «Zé-Povinho». Ao fundo notam-se reminiscências dos festejos. D. Luís transido, aconchega-se no manto com fisionomia assustada. José Luciano ampara-o, olhando de esguelha o Poeta, numa tremura. Em baixo lê-se: «Camões agradece aos altos poderes do Estado não terem ido à sua procissão e terem-no feito republicano, com o que muito ganhou a idea».

*

A celebração do Centenário de Camões impressionou profundamente o espírito público.

Na alma do adorável Rafael operou-se também uma profunda evolução. Dali data verdadeiramente o seu republicanismo. Devo contar como isso se passou.

Justino Guedes foi companheiro dedicado e fiel de Rafael Bordalo, tendo exercido sobre o seu espírito uma acção persistente. Dirigia eu então o *Comércio de Portugal*. Com grande surpresa minha, apareceram-me um dia na redacção Justino Guedes e Marquês Leal Pancada, afim de me oferecerem, em nome dos eleitores republicanos, a candidatura pelo círculo 98. Acedi ao convite num intuito meramente de propaganda. O resultado foi completo. Organizaram-se centros, e Rafael, de acôrdo com o nosso Justino, publicou *O Voto livre*, que obteve um grande êxito e cujo texto pertencia a Mariano Pina.

As candidaturas eram, por êsse tempo, muito diferentes do que são hoje, em que os deputados saem da copa do chapeu do ministro. O candidato era obrigado a fazer a sua profissão de fé em reuniões públicas. Recordo, com saudade, a discussão que se travou numa das salas do palácio do Visconde de Asseca, às Janelas Verdes, sob a presidência do abali-

zado médico, dr. Alves Branco, a propósito do *mandato imperativo*. ; Outros tempos!

Que bela coisa era a República no período da monarquia — era o sonho, a ilusão, a esperança, em contraste, algumas vezes, com a realidade pungente dos nossos dias...

A grande obra política de Rafael está no *Antônio Maria*; nos *Pontos nos ii* e na *Paródia*, em colaboração com Guilherme de Azevedo, Ramalho Ortigão, Fialho de Almeida, Eduardo Schwalbach, Marcelino de Mesquita, Oliveira Vale, Alfredo de Moraes Pinto (Pantarântula), etc.

Esta obra conjuga-se com a de Ramalho e Eça nas *Farpas* e com a de Fialho de Almeida nos *Gatos*.

Está por fazer a resenha de todos os colaboradores literários e artísticos de Rafael Bordalo Pinheiro na sua obra gigantesca de moralização social, de crítica, de protesto, e também de glorificação para todos os grandes homens e para todos os grandes acontecimentos do seu tempo.

Rafael era, sem dúvida, um revoltado, mas era, ao mesmo tempo, um homem justo.

Contava Rafael que o único político da sua

época que nunca podera deprimir verdadeiramente fôra o velho Anselmo Braamcamp : ;tal a grandeza da sua personalidade moral!

Rafael possuía, em alto grau, o amor da justiça.

Guilherme de Azevedo, que foi meu companheiro de casa, durante anos, anda esquecido. E, sem embargo, foi um dos espíritos mais scintilantes e vivos que, em vida, me foi dado conhecer. A nossa casa da rua do Crucifixo era um centro onde apareciam freqüentemente Guerra Junqueiro, Júlio César Machado, Urbano de Castro, Teixeira de Queirós, etc.

Vem a propósito narrar o que se passou com a *Viagem à roda da Parvónia*, revista representada no teatro do Ginásio pelo actor Taborda. O tumulto foi tal que os autores, Guerra Junqueiro e Guilherme de Azevedo, se viram obrigados a fugir. E, se o não houvessemos feito, eram capazes de nos matar — dizia-me êste último, acrescentando: está provado que a minha vocação não é para o teatro.

Foi esta a geração de Rafael.

Guilherme de Azevedo, a pesar da declaração citada, ainda escreveu com êxito uma co-

média intitulada *O Rosalino*, representada em duas épocas, pelo menos.

¡ Um episódio curioso !

Rafael, muito instado por Justino Guedes, declarou-se republicano. Guilherme de Azevedo opunha-se. Venceu, porém, o ideal. ¡ O *António Maria* desceu logo mil números !

¡ Quantos sobressaltos, quantas angústias sofreria Rafael por causa de tão inesperada diminuição de leitores ? ! Felizmente foi efémera a situação angustiosa. Á fôrça de talento e de trabalho do brilhante caricaturista, e também da fecunda cooperação de Justino Guedes, em pouco tempo o *António Maria* readquiriu a antiga tiragem, excedendo-a até.

*

O tratado de Lourenço Marques, em 1881, despertou uma grande efervescência no país. Acabava eu de fundar o *Século*. A campanha foi de tal ordem que provocou a queda do govêrno progressista. Foi êste um dos mais belos triunfos do *Século*.

Pelo referido tratado, entregava-se, de mão

beijada aos ingleses, uma parte do território da província de Moçambique. Foi tal a indignação, que se traduziu em milhares de adesões recebidas, além dos protestos mais veementes. Militares houve que se me ofereceram espontâneamente para levantar guerrilhas no norte do país. As *charges* de Rafael auxiliaram grandemente a campanha.

John Bull, de casaca especial, chapéu alto e chicote em punho, é apresentado por Bordalo como um alcoolico e um rapinante.

Todos se recordam do efeito, produzido por esta espirituosa caricatura, e da fogosa intervenção de Rafael Bordalo, que marcou uma época.

Igual clamor se produziu com a *Salamanca*, uma negociata de caminhos de ferro, que mereceu geral condenação.

O Conde de Burnay, esguio, correndo sempre, é caricaturado pelo nosso Rafael com a longa barba agitada pelo vento, num verdadeiro tipo de *Topa a tudo*.

A calúnia não o poupou. Rafael, que era dotado de uma sensibilidade feminina, desanimou. Para o fortalecer, nós, os republicanos, resolvemos oferecer-lhe um banquete

no Hotel Borges. E ali, tive eu acasião de dizer:

«Não pode duvidar-se de um homem a quem foi oferecido, no Rio de Janeiro, um cheque em branco, para o preencher, e que o repeliu indignadamente. Não pode duvidar-se de quem repudiou, com nobre altivez, igual oferta, em Lisboa, feita por uma alta personalidade política em voga. Não pode duvidar-se daquele que, tendo vivido sempre pobre, não trocou nunca a sua independência pelo ouro vil do subôrno político».

A personalidade moral, completava em Rafael a personalidade artística. Não houve catástrofe que não comovesse o seu coração de patriota, a que não acudisse pela propaganda do bem-fazer e pela subscrição, que abria nas colunas dos seus jornais, e a que êle próprio concorria.

*

‡ A que se poderão atribuir a fertilidade da imaginação de Rafael, a sua fantasia, a sua graça, genuinamente portuguesa?

Rafael Bordalo era idealista. E foi o seu idealismo que lhe permitiu realizar essa obra

brilhantíssima, que o consagrou, e se reflete, com um cunho de imortalidade, no *Album das Glórias*, obra a um tempo gráfica e moral, no *António Maria* que se tornou símbolo, nos *Pontos nos ii*, na *Paródia*, etc.

Foi o idealismo que o levou a fazer uma profecia sôbre a Alemanha. Na balança da Europa, colocou Bismark como fiel. Estão voltados para êle uns olhos especiais cegos, formando nuvens. E o artista exclama :

— ; *Ai de nós !*

Foi o idealismo que o levou a modelar um belo busto de Vitor Hugo, a correr, à última hora, por ter faltado o estatuário, que promettera executar o trabalho, e que nos serviu para prestar uma sentida homenagem à memória augusta do Poeta, na Sociedade de Geografia, onde falaram Consiglieri Pedroso e eu.

Foi o idealismo que o tornou um eloqüente intérprete da vontade nacional, em tôdas as manifestações liberais, patrióticas e republicanas.

Foi o idealismo finalmente que o tornou republicano. A nossa geração assistiu à Proclamação da República em Espanha, em França e no Brasil. Seguiu em espírito o movimento municipalista da Comuna de Paris.

Todos estes acontecimentos apareceram como relâmpagos das revoluções de 1820 e de 1848. Calculo por mim. Eu nunca poderei deixar de ser republicano, porque os homens a quem me afeiçoei, e que foram meus mestres, o eram, e porque o curso dos acontecimentos influiu no meu carácter nêsse mesmo sentido.

Bem sei que os idealistas são desdenhados. O tôrpe mercantilismo invadiu tudo e todos. Rafael Bordalo foi um protesto vivo contra essa invasão material, que nos avilta. Foi uma vibrante alma de artista, tomado de paixão por tudo quanto era nobre, belo e generoso, servindo os princípios com entusiasmo.

Recordo todos êsses homens, que foram do seu e do meu tempo. Se êle vivesse, sentir-se-ia, como eu, estranho nesta sociedade.

! Naquele tempo vivia-se! O meu fim na conferência foi entoar na sua Arte, um hino à vida. Há duas espécies de vida: a vida inconsciente, a vida animal, a vida *que faz viver*, e a outra, consequência desta, a vida voluntária, a vida espiritual, a *vida que cada um vive*.

Num recente artigo, publicado no *Primeiro de Janeiro*, do Pôrto, acêrca de um discurso

que proferi na Universidade Livre, pergunta o admirável jornalista Mayer Garção :

«¿ Pode-se viver sem idealismo? Não pode. A vida que vivemos não é vida. É uma morte lenta e ignominiosa. Olhemos em tórno de nós: há nações que se nos afigura que nem respiram. Outras dir-se-ia que não podem fazer sair da garganta senão um pungente estertor. É que quando de todo e qualquer idealismo se abstrai, o mundo dá a impressão de um campo de batalha, onde só agonizam moribundos e os cadáveres são devorados por abutres insaciáveis».

Digamos com o divino Hugo :

«Só vivem os que lutam, aqueles cujo coração é bom, e cujos dias são nobres. O mais pesado fardo é existir sem viver».

E o nosso amado Rafael viveu e triunfou. Foi um duplo triunfo — o triunfo artístico e o triunfo moral.

Vivamos, pois, na sua recordação de beleza — a eterna beleza — e na sua recordação de amor — o eterno amor.

Rematarei ainda com o grande poeta : *Ai-mons encore; aimons toujours*. Através do egoísmo feroz, que aproxima o homem do lobo;

através do ódio ruim que transforma os homens em chacais, *amemos ainda, amemos sempre e eternamente.*

Tal é o segredo da vida, como a concebeu o grande artista. ;Eternamente moço e eternamente bom!

bibRIA

O MUSEU RAFAEL BORDALO PINHEIRO

EXPLICAÇÕES PRÉVIAS

Com muito provável risco de malsinações por êste livrinho parecer de elogio mútuo, a verdade é que me considero acima delas, conraçado pela hombridade de sessenta invernos, gastos com isenção, desde muito novo, a amar a Pátria e a Arte.

Obedeço a um dever, que suponho imprescendível: dizer a verdade.

Foi lisongeiramente amável, no que antes fica, o dr. Magalhães Lima.

Não o moveu sò a inata bondade, que o caracteriza, mas também a amizade intensa, comevedora, amabilíssima, com que me favorece, a qual eu retribuo desvanecido e orgulhoso, leal e firmemente. Amizade há bastan-

tantes anos nascida e sempre mantida, não digo inalterável, mas constantemente fortalecida.

O dr. Magalhães Lima tem-me dado provas de fiel dedicação em tudo, e muito especialmente na ferverosa propaganda, que sempre fez e faz, do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, como particular e como devotíssimo Presidente do Grupo Amigos Defensores do mesmo Museu.

Devo dizer que o primeiro impulso para a formação do Grupo partiu do conhecido bibliógrafo e escritor, Álvaro Neves, também devotíssimo cooperador em todas as iniciativas do Grupo.

Um óbice contrariou a força indispensável da querida agremiação: o seu iniciador haver teimado em que ela fôsse constituída sòmente por onze sócios efectivos.

É claro que, a exemplo de outras associações congéneres, o número ilimitado seria mais profícuo.

Tanto assim é que por melindres fácilmente explicáveis e naturais da condição humana foi difícil preencher as vagas que se deram de sócios efectivos. Um eleito houve que

nunca respondeu ao convite, outro não compareceu jámais a uma única sessão...

A meu vêr, o número ilimitado de sócios efectivos, além das razões expostas, que o recomendavam, deveria dar aso a eleições que revezassem os corpos dirigentes, prerrogativa mais consentânea com os verdadeiros princípios democráticos.

Após as palavras amáveis e eruditas do dr. Magalhães Lima, vulto pátrio justamente consagrado, atrevido ousio seria o meu se êle próprio me não tivesse obrigado a compilar êste *post loquiu* descolorido, apagado, direi mesmo, desnecessário.

Feita esta indispensável declaração, resta-me entrar no assunto, que me foi imposto: descrever a origem e desenvolvimento do Museu Rafael Bordalo Pinheiro.

Serei, quanto possível, sucinto.

O MUSEU

A idéa inicial do Museu Rafael Bordalo Pinheiro surgiu de uma remotíssima instigação de Luís Calado Nunes, admirador entusiasta do grande, genial e múltiplo Artista,

que se chamou Rafael Bordalo Pinheiro, como eu próprio sempre fui e sou.

Há uns trinta anos comecei a colar em fôlhas de cartão tudo o que podia reünir das ilustrações com que Rafael enriqueceu vários romances.

Juntei algumas centenas.

Fazia-o na intenção de suavizar as agruras da velhice e de iniciar meus filhos, se os tivesse, no amor das coisas de Arte, e no culto dos Artistas.

Um supremo desgosto, que me feriu esmagadoramente, e me desnor-teou pela amargura imarcescível de um extrêmo sofrimento, levou-me, na sua mais intensa fase, a um desvairo anímico-acabrunhante, profundíssimo, nunca totalmente sanado. Foi então que em conversas sucessivas e carinhosas, entre mil fórmas de me distrair, Luís Calado Nunes, meu inolvidável e fraternal Amigo de infância, me sugeriu a idéa de coleccionar a valer a obra colossal de Rafael Bordalo Pinheiro.

Tanto porfiou, por tal fórma soube insinuar-se no meu espírito e vencer-me, que me decidi a fazer-lhe a vontade.

Pouco a pouco me habituei à mania de cole-

cionador. O hábito é uma segunda natureza, e, sem deixar jámais de recordar tristemente passados tormentos supremos, lá me fui benèficamente distraíndo na occupação de preítear um gigantesco Artista, até ao ponto de atíngir um verdadeiro fanatismo pela memória patriótica de um portuguez insigne, de um arrojado moralizador político e social.

Luís Calado Nunes foi um cooperador exemplar. Além de me descobrir incansavelmente *bordalices*, como êle amoravelmente lhes chamava, não deixava passar um aniversário meu sem que me ofertasse alguns originaes, desencantados entre amigos, na Feira da Ladrá, e pelos alfarrabistas de que era assíduó freqüentador. Por mil fórmas, emfim.

Eu, por minha parte, era também incansável. Entre várias terras, que percorri, nas minhas buscas, duas vezes fui propositadamente a Coimbra, no intuito de mover um possuidor de originaes rafaelinos, teimoso em os ceder, e nem todos logrei obter.

Por indicação do meu saudoso amigo, dr. Frederico Valente, grande doador ao Museu, escrevi várias cartas a um proprietário de uma pasta académica, universitária, com

um desenho aguarelado de Rafael Bordalo, nem uma simples resposta alcancei.

O Visconde das Laranjeiras, também generoso e importantíssimo doador, antes de morrer havia oferecido, para o Museu, um carvão, estudo para o quadro «Bodos na Aldeia». Outros originais curiosíssimos possuía; todos destinava ao Museu.

Após a sua inesperada e desoladora morte, procurei, em repetidas tentativas, que êsses originais entrassem no Museu. Nada consegui.

Muitas arrelias sofri, desgostos em bárda, por desilusões e perfídias, infundadas e injustas, e por tentar mover ferozes egoísmos.

¡Como o meu sempre lembrado Amigo, Luís Calado Nunes, executasse cópias inteiramente confundíveis com os originais, propalou-se que eu ficava com os originais e entregava aquelas!

As cópias eram tão extraordinariamente perfeitas que mostrei uma vez a da capa do «Almanaque Camões» a Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro, e êle me perguntou — ¿onde conseguiu obter êste raríssimo original?

Outra vez, na cópia da aguarela «O ciclista», do «Reino da Bolha», o próprio Ca-

lado, havendo eu misturado cópia e original, só por um sinal feito nas costas da cópia a poudo reconhecer!

Já agora, uma partida curiosa: raras vezes o meu chorado Luís vinha a Lisboa, minado pela doença, que o matou, e ainda me fazia as cópias fidelíssimas dos admiráveis pastéis, representativos de actores e homens célebres, que haviam servido para ornamentar o antigo Teatro do Ginásio numa noite de festa de autôr. Duma delas enviou-me, como era costume, cópia e original. Coloquei-as a par, como fazia sempre, e fiquei desolado, a cópia era péssima.

Pela primeira vez tal sucedia. Fiquei atônito.

¿ Como revelar a minha decepção ao desvelado e desinteressado Amigo?

Escrevi lealmente, mas com tôdas as reservas, sôbre o caso.

Dias depois recebi a cópia autêntica. Luís Calado pregara-me uma partida.

Aquele *pregara-me* faz-me lembrar uma partida também, mas de Rafael Bordalo Pinheiro, inédita.

O malogrado médico, dr. Carlos Tavares, tratou o portentoso caricaturista de uma en-

fermidade e recusou-se a receber honorários, por mais esforços que o grande Artista empregasse para os satisfazer.

‡ Que faz Bordalo?

Sabendo que o notável médico desejava um cão das Caldas, executa um primoroso, prega-o nos quatro pés à base, e oferece-o ao ilustre médico, com um bilhete de visita: — *preguei-lhe o cão.*

‡ Onde parará hoje a preciosa peça?

Releve-se-me êste desvio do principal assunto.

Entre as pessoas que têm primado pela sua ausência no Museu Rafael Bordalo Pinheiro, devo notar com desgosto os senhores Artistas, na sua maioria. É minha opinião pessoal, salvo o devido respeito, que suas excelências acham o grande caricaturista imerecedor da consagração que lhe fiz: não concordam com ela, não a honram com a sua presença.

Acho-lhes razão, até certo ponto, e tanto assim é que mais de uma vez propaguei a idéa de se fazer um Museu Silva Pôrto, outro Soares dos Reis, etc.

Hoje, essas consagrações são quáse impossíveis, o que se não deu com Rafael Bordalo

Pinheiro por eu a tempo e discretamente haver começado a colecionar. Actualmente a larguíssima colheita rafaelina, que obtive, seria também impossível, pelo menos para mim, por causa da exorbitância de preços, que atingiram tôdas as peças gráficas ou cerâmicas. Já o disse, o meu maior fito era dar um exemplo para que outros, melhor do que eu, fizessem consagrações a artistas dignos delas.

Não admira que muitos senhores Artistas propositadamente se tenham esquivado a visitar o museu rafaelino, dando-se o caso de haver senhores Vereadores, que votaram a doação, e também nunca o visitaram.

Um caricaturista existe, que, indo ao edificio do Museu, em missão official, se recusou, perante testemunhas, Artistas, por sinal, a visitar o Museu!

Instei mais uma vez para que se dignasse subir.

É absolutamente inexplicável, a meu vêr, êste procedimento, que dispensa comentários.

Tentei que se guardassem convenientemente no Museu umas fitas em que Rafael pintou a óleo umas alegorias de homenagem a uma pianista exímia. Sem resultado.

Desejaria que a cerâmica preiteando Augusto Rosa e Eduardo Brazão, luminares raiosos da scena portuguesa, viessem enriquecer a colleção rafaalina.

Agora, que o Museu pertence a Lisboa, a Portugal, posso desafogadamente emitir a minha opinião sobre este assunto: é no Museu Rafael Bordalo Pinheiro, à vista permanente do público, que mais eficaz e perduravelmente às consagrações a Artistas e homens ilustres têm o seu mais adequado lugar, a sua mais ampla e completa eficiência. Os preiteados sê-lo-iam por todos e para todo o sempre.

Bem sei que não é geral a minha isenção, o meu alto grau de espirito de renúncia, e até a minha conformidade. Podem chamar-me vaidoso à vontade. Não se trata, porém, daquelas qualidades, trata-se de alargar a mais vasto âmbito do que o familiar as consagrações de vultos pátrios, que merecem sêr glorificados.

Como isenção, devo dizer que recusei, e recuso, tudo que signifique um galardão, ou uma recompensa qualquer. Recusei honrarias, e até um simples almoço, que os «Amigos Defensores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro» quiseram ofecer-me.

Todos os organizadores e directores dos museus portuguezes, com excepção do respeitável colecionador, José Relvas, disso vivem, até com viagens aos países estrangeiros, pagas pelo Estado, accitam galardões, com que muito se desvanecem, prebendas, etc. Fundei, organizei e dirigi o Museu Rafael Bordalo Pinheiro, sem remuneração, ou compensação alguma. Quáse me arruinei completamente. Prescindi de automóvel e de outras regalias. Ofereci à minha Pátria alguma coisa de valor incomparavelmente superior ao que me ficou para viver o resto dos meus amargos dias.

O que noutros foi e é modo de vida em mim representou e representará unicamente esforço patriótico, absolutamente livre de qualquer interêsse.

*

Entre as peças gloriosas de Rafael Bordalo Pinheiro, que occupariam lugar honroso no Museu, menciono :

A Jarra Manuelina existente, bastante deteriorada já, no Mosteiro de Mafra.

Um perfumador, peça única também, com

que o grande Artista preiteou o dr. Júlio de Vilhena. Em parte alguma essa maravilhosa obra de Arte poderá confirmar e perpetuar o homenageado como no Museu.

Um candieiro monumental, feito expressamente para Justino Guedes, grande amigo e companheiro de Rafael Bordalo Pinheiro. A soberba obra de Arte tem dedicatória indelevel a quem foi oferecida. No Museu, como a peça anterior, perpetuaria a memória do preiteado. Justino Guedes possuía também um busto da falecida actriz Visconti, que lhe foi confiado como depósito. Não podia desprender-se d'êlo em vida por lhe avivar saudosas recordações de um adorável amigo.

No dia 26 de Julho de 1924 realizou-se a reabertura oficial, por convites, do «Museu Rafael Bordalo Pinheiro», já na posse da Câmara Municipal de Lisboa. Justino Guedes não faltou, foi a sua última visita ao Museu.

Perante testemunhas afirmou naquele dia que por sua morte o busto se reuniria, no Museu, às suas anteriores dádivas, três magníficas aguarelas.

Parece que surgem dificuldades para que

esta formal declaração do falecido amigo de Rafael Bordalo Pinheiro possa efectivar-se.

Justino Guedes possuía também uma bela caricatura, que o representava, com amável dedicatória de Rafael Bordalo. Essa aguarela chegou a estar exposta no Museu, mas por vontade do caricaturado voltou à sua posse. Alguns outros originais e peças cerâmicas possuía.

Caso idêntico se deu com um maravilhoso trabalho do caricaturista insigne, homenagem ao falecido dr. Manuel de Arriaga: também figurou no Museu, e também foi reclamado pelo seu proprietário, que entrou no número das pessoas suspeitosas de sêr eu capaz de trocar originais por cópias. Deu-se mesmo uma scena desagradabilíssima directamente comigo na qual o dr. Manuel de Arriaga teve a coragem leal de me revelar a dúvida, por tal modo rebatida — ainda que dentro das normas devidas a tão venerando ancião — que as desculpas foram amplíssimas.

Mais duas peças curiosíssimas me ocorrem, existentes em mão de particulares: a «Jarra Beethoven» na posse de José Relvas, e a «Borracha Taborda», na posse da filha do genial actor.

Possuem também várias peças cerâmicas as sr.^{as} D. Helena Bordalo Pinheiro, e D. Angélica Barreto da Cruz Bordalo Pinheiro.

Outras existem dispersas, que omito para não alongar ainda mais êste modesto trabalho.

*

A escritura de doação do Museu foi legalizada em 2 de Julho de 1924.

O Museu conservou-se fechado desde 13 de Agôsto de 1922 até 27 de Julho de 1924, dia em que se facultou ao público pela primeira vez, após a doação.

Como fórma indirecta de perpetuar a minha consagração a Rafael Bordalo Pinheiro, concorri, provoquei, bem posso afirmá-lo, pela Imprensa e em Folheto, a construção de um pequeno monumento ao glorioso caricaturista, no Campo Grande, em frente do Museu, para o qual ofereci o busto de bronze.

A inauguração dessa, por assim dizer, sentinela vigilante do Museu realizou-se com solenidade e extraordinária concorrência em 20 de Março de 1921.

Anteriormente, 1915-1916, defendi e pro-

paguei em vários jornais a idéa de se mudar o nome do Largo da Abegoria para Largo de Rafael Bordalo Pinheiro, por lá ter residido nos últimos anos de vida o extraordinário Artista.

Tem a Câmara últimamente crismado à farta as Praças e os Jardins Públicos. Dado o inegável triunfo, que o Museu, cuja história alinhavo, obtive do Público, da Imprensa, e da própria Câmara, que o perfilhou e certamente desenvolverá com honra para Ela e para a Cidade de Lisboa, não será para regeitar a idéa, que me atrevo a expôr, como complemento das consagrações ao fértil e genial Artista, de se ficar denominando o Campo Grande: *Parque do Museu Rafael Bordalo Pinheiro*.

*

Os primitivos cartões, a que antes aludi, formam hoje um grande album, existente no Museu. Mais dois albuns lá estão: «O Livro de Ouro», para registo dos nomes de visitantes illustres, e um outro de referências da Imprensa ao Museu, que já conta mais de 155 páginas repletas.

*

¿ Mover-me-iam outros desígnios para organizar o Museu Rafael Bordalo Pinheiro?

No intuito de se contrabalançarem involuntários erros, naturalmente acodem idéas de bem fazer, e opera-se a transformação de algum egoísmo renitente num grato desejo de ser útil, de proporcionar a um maior número de indivíduos certos bens, que para nós próprios exclusivamente reserváramos.

¿ Seria o meu caso?

¿ Seria por semelhante propensão anímica que mais tarde resolvi tornar o Museu facilmente acessível, e cheguei, enfim, a doá-lo à Câmara Municipal de Lisboa?

O desejo de incitar todos os que, melhor do que eu, pudessem organizar museus particulares, tive eu em mira com tôda a certeza.

Após largos anos, uns vinte, de paciente e dispendiosa compilação de originaes e de reproduções, foi inaugurado o Museu em 6 de Agôsto de 1916 com quatro salas apenas.

Era meu desígnio que o Museu ocupasse, a seu tempo, todo o primeiro andar da casa,

que expressamente fizera construir para tal fim, e que o rés do chão abrigasse uma escola do sexo feminino, em homenagem a uma morta muito querida e saudosa.

O Museu, como disse, abriu com quatro salas, que chegaram a estar, e ainda estão, completamente cheias, adicionei-lhe uma sala, para a qual mandei abrir mais uma clara-bóia, e como se houvesse constituído o «Grupo dos Amigos Defensores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro», que unanimemente condenou a minha antiga lembrança da Escola, resolvi que o Museu viesse a ocupar inteiramente o edificio, e desde logo foi ampliado a todo o primeiro andar: oito salas e um gabinete de trabalho (1).

Foi sempre intenção minha que o Museu e o edificio onde está instalado, viesse a pertencer ao meu País, e principalmente à cidade de Lisboa, onde nasci, e que muito amo, e onde nasceu e morreu o grande caricaturista.

Fiz testamento nêsse sentido.

Como porém me não animou, nem anima,

(1) Para conhecimento minucioso do Museu, tal qual hoje existe, leia-se: *Monografia do Museu Rafael Bordalo Pinheiro*, por Julieta Ferrão, Lisboa, Campo Grande, 382.

desejo algum que não seja ver completamente realizada a minha consagração rafaélina, resolvi fazer doação em vida de tudo à Câmara Municipal de Lisboa.

Depois da minha morte não seria talvez tão garantido o meu propósito.

A primeira doação foi entregue à Câmara em 30 de Março de 1922.

Em 11 de Abril visitou o Museu uma Comissão camarária para apreciar e avaliar a doação, bem como orçamentar as obras a fazer.

Em 19 do mesmo mês vieram outros funcionários para medições, etc.

Em 17 de Agosto apresentou-se no Museu um arquitecto e um condutor, portadores de um projecto para se transformar o rés do chão, projecto feito à pressa e sem a totalidade das transformações combinadas.

Tornaram a levar êsse projecto bem como o que eu já possuía da casa a construir para moradia futura do Director-Conservador do Museu, a fim de sofrer modificações.

Pouco tempo depois fui informado de que a minha proposta de doação se havia *extra-viado*, e convidado a fazer nova proposta.

Em 20 de Outubro, na presença de Maga-

lhães Peixoto, Ribeiro da Silva, Magalhães Lima, Fernão Boto Machado e outros cavaleiros, fiz leitura na Câmara da segunda proposta de doação, que entreguei no dia 25 do mesmo mês em mão de Magalhães Peixoto, na presença de Conceição Estrêla.

!!! Como a Câmara não desse o menor sinal de vida sôbre o assunto, durante meses, inquiri e soube, maravilhado, que se *extraviara* também a segunda proposta de doação!!!

Comentários, faça-os quem quiser.

Resolvi não mais tratar com a Câmara de então, ou com qualquer outra.

Devo dizer que o dr. António José de Almeida, solícito e amabilíssimo amigo do Museu, me havia dito, em tempos, que melhor seria fazer eu a doação ao Estado, e que êle, como Presidente da República, tudo faria para que as praxes burocráticas emperrassem o assunto o menos possível. Sabedor dos dois *extravios*, lamentou que eu não hovesse seguido o seu benévolo alvitre.

Já não havia remédio, e expliquei que julgara sempre melhor fazer a doação à Câmara, directa representante da Cidade de Lisboa.

Decorreram largos meses.

O dr. Magalhães Lima, como zelosíssimo presidente do «Grupo Amigos Defensores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro», várias vezes me interrogou sôbre o caso, limitando-me eu a um filosófico encolher de ombros, e pedindo-lhe sempre para protelar o incidente. Sentia-me cansado, se não enojado.

Tantas vezes insistiu, com tal calor e interesse, que me conformei a consentir que tratasse êle, pessoalmente, com a nova vereação lisbonense.

Um belo dia, 21 de Setembro de 1923, procuraram-me em casa os vereadores Alexandre Ferreira e Raul Caldeira, acompanhados pelo dr. Magalhães Lima. O fim da visita era moverem-me a fazer *terceira* doação.

Comecei por dizer que fãcilmente faria *terceira* doação, se fôsse descoberto e punido o funcionário camarário, que havia *extraviado* as duas anteriores.

Eu estava, na verdade, bastante irreductível na minha justificadíssima reclamação, Suas Excelências, porém, por tal fôrma se mostraram amáveis, tais razões apresentaram, que resolvi fazer *terceira* doação, pondo de parte o malévolo proceder passado.

Precorremos, os quatro, a seguir, o Museu e tôdas as suas dependências, eu como *ciceroni*.

Os dois vereadores, que pela primeira vez visitavam o Museu, mostraram-se encantados, e quando eu falei na casa a construir, na antiga hortinha, propriedade da Câmara, para minha moradia usufrutuária, e futura habitação dos directores conservadores, e disse que talvez essa construção fôsse o óbice que fizera emudecer a Câmara anterior, ouvi, desvanecido, que Raul Caldeira, exclamou, feitos os cálculos do valor do que eu doava e do custo da casa, que se construiria, e das modificações indispensáveis no rés do chão: — mas isso são insignificâncias, comparadas com o valor do que oferece.

Emfim, tudo ficou concertado, oferecendo-se os vereadores para apresentarem aos seus colegas a minha *terceira* proposta, que entreguei, na Câmara, a Alexandre Ferreira em 26 do mesmo mês.

Sei que outros vereadores foram muito amáveis comigo, referindo-se elogiosamente à doação.

Não posso citar-lhes os nomes porque a pe-

sar de sêr cláusula do contracto que me seriam fornecidas cópias dessas sessões, nunca cheguei a recebê-las.

A doação foi feita em homenagem à Cidade de Lisboa, e aos Doutores António José de Almeida e Magalhães Lima, o primeiro, generoso doador de duas notáveis peças rafaelinas, por três vezes visitante do Museu, em quanto Presidente da República, inolvidável e desvanecedora honra; o segundo, ardoroso propagandista do Museu, e incansável Presidente do «Grupo Amigos Defensores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro».

As principais cláusulas da doação, aceitas pela Câmara, são: construção da casa, a que já me referi, visto que no Museu enterrei por tal fórma os meus haveres, que me não restam os indispensáveis para pagar aluguer da minha futura moradia — tenho quasi 61 anos, não gozarei muito a regalia; transformações a executar no rés do chão do edificio actual do Museu, por conta da Câmara, pelas mesmas razões expostas; nomeação à minha escolha do director conservador, prerogativa em geral reconhecida a doadores de escolas e de outros edificios.

Na escritura de doação mencionei um só indivíduo para exercer os dois cargos de director e de conservador, para, quanto possível, poupar os réditos camarários, e para não dar aso a apadrinhamentos à custa do que com tanto labor e dispêndio eu havia conseguido.

O lugar de director conservador era de nomeação indispensável, encargo obrigatório para a Câmara, a minha escolha recaiu em pessoa provavelmente idónea.

Em 15 de Setembro de 1924 começaram as obras da construção do edificio novo.

No contracto de doação prescrevem-se prazos e penalidades.

Para que as obras sejam executadas nos prazos marcados, ofereci cem acções do Banco Lisboa & Açores, de que serei usufrutuário, e que pertencerão, por minha morte, à Câmara Municipal de Lisboa, para auxílio do custeio das despesas do Museu, e para se adquirirem peças rafaélinas. ; Tal é o meu empenho em ver a conclusão e inauguração total do Museu Rafael Bordalo Pinheiro!

Algum tempo depois de começarem as obras do edificio em construção, soube que

o benemérito Vereador, Alexandre Ferreira, concebera a simpática idéa, que fizera aprovar pela Câmara, de se utilizar o rés do chão do edificio novo para Biblioteca Municipal do Campo Grande.

Em 20 de Outubro de 1924 officiei à Câmara, oferecendo-me gratuitamente para exercer o lugar de bibliotecário da futura Biblioteca.

Graças, naturalmente, às complicadas e ferrugentas engrenagens do burocratismo camarário, não obtive resposta ao officio.

Também, certamente, por causa das supraditas engrenagens ainda não voltaram para o Museu os sete quadros com que êle, tão dispendiosa como inglòriamente, figurou na Exposição do Rio de Janeiro, e que jazem, por favor, desde o seu regresso, há larguíssimos meses, na Sociedade Nacional de Belas Artes.

*

Não devo deixar no olvido um fasto glorioso, até ao máximo requinte, para o Museu Rafael Bordalo Pinheiro: no dia 5 de Junho de 1924, inesperadamente, bateram à porta.

Era o Senhor Presidente da República, e o seu ajudante. O Museu estava fechado havia quasi dois anos, sem limpeza, sem pessoal, impossível era assim facultá-lo ao ilustre visitante. Ninguém lamentou mais do que eu o desagradabilíssimo incidente, tanto mais que o Senhor Presidente e o seu ajudante julgavam a visita tão infalível que chegaram a aprear-se do automóvel e a estarem em pé junto à porta da entrada. Apressei-me a escrever ao Senhor Presidente da República, explicando e desculpando o malaventurado motivo do insucesso da sua presidencial visita. Alheio a ridículos protocolos, que mal admito numa Democracia, escrevi ao próprio Venerando Presidente. Ignorava que me devia dirigir ao secretário. Não obtive resposta alguma, e Sua Excelência o Senhor Presidente da República por tal fórma perdeu o desejo de ver o Museu, que nunca lá voltou, mesmo depois de pertencer à Câmara Municipal de Lisboa, desde 21 de Julho de 1924, noticiando os jornais duas vezes por semana que êle está aberto às quintas feiras e domingos.

Se o caso houvesse sucedido com pessoa

de menos créditos literários e artísticos, de menor senso crítico e acadêmico, poderia supor-se que o malôgro da visita haveria dado origem a melindre, ou infundado amuo; tratando-se, porém, de Sua Excelência, ninguém deixará de presumir que só os esmagadores deveres do espinhoso cargo presidencial obrigaram o venerando magistrado a que não mais tentasse ver o Museu Rafael Bordalo Pinheiro.

O Museu foi visitado pelo dr. Manuel de Arriaga, depois de haver exercido a Presidência da República.

O Museu expõe mais de 1.100 originais, mais de 1.300 reproduções, mais de 3.000 peças bibliacas, mais de 100 peças cerâmicas.

O número de peças cerâmicas é restrito porque o Museu não foi destinado, de início, para elas, como agora também é.

O Museu possui ainda algumas centenas de fotografias de peças cerâmicas, que virão a sêr, quando expostas, de útil incentivo e estudo para futuros artistas do género. Se a Câmara Municipal, o Govêrno e o público se compenetrarem de que um museu de homenagem a um grande artista é o mais adequado

local para se exhibirem e religiosamente se guardarem os produtos do labor dêsse artista, natural é que peças dispersas em museus e em mão de particulares venham ainda a figurar no Museu Rafael Bordalo Pinheiro.

Felizmente ninguém hoje pode dizer, como em tempos se propalou, que pugno pelo Museu por mero interêsse pessoal — já não é meu.

*

Dois factos culminantes, além de outros somenos, que omito, feriram a minha sensibilidade, como organizador e fundador do Museu Rafael Bordalo Pinheiro.

O primeiro foi a representação do Museu, para a qual fui convidado, na Exposição do Rio de Janeiro. Gastei alguns contos de réis, fornecendo quadros originaes e reproduções de Rafael Bordalo Pinheiro, impressos vários, e uma *Monografia*. Pois o que representava pròpriamente o Museu, um grande quadro com sete belas fotografias das salas e do edificio, não foi exposto!

Ninguém teve o mais leve cuidado na distribuição dos impressos gratuitos, nem na

venda da *Monografia!* Patentearam sòmente ao público fluminense os trabalhos rafaelinos, sem ninguém poder perceber — por faltar o quadro das salas e edificio do Museu — o motivo pelo qual êles apareciam mais de vinte anos após a morte do nosso glorioso Bordalo, que tanto enalteceu Portugal com a sua arte no Brasil.

É óbvio que o Museu não alcançou a mínima referência, conquanto do Commissariado houvesse vindo a notícia de que os quadros de Rafael Bordalo Pinheiro seriam considerados «Hors Concours», portanto «Grand Prix», por se tratar de uma verdadeira glória das Belas Artes portuguezas.

De tudo o que afirmo nesta insignificante resenha de factos há provas no arquivo do Museu.

Não fixo êste caso insólito por me achar melindrado pessoalmente. Repito, nada quis, e nada quero, que represente uma distinção própria; protesto, ainda que platonicamente, em nome do Museu e do seu patrono, que deviam ter merecido às entidades officiais da Exposição alguma deferência, que inteiramente lhes foi negada.

O segundo, intimamente ligado à mesma Exposição, deu-se com a *Monografia do Museu Rafael Bordalo Pinheiro*, bela edição da Imprensa Nacional, em óptimo papel, folheto com cinquenta páginas, formato grande, com seis gravuras, intercaladas no texto, cinco com aspectos do edificio e salas do Museu e uma reproduzindo Rafael Bordalo, num magnífico desenho original de Francisco Valença.

A *Monografia* foi enviada, com prévia anuência, ao Gabinete Português de Leitura, que não acusou o recebimento. Os exemplares enviados constituem a quasi totalidade da edição.

Por interferências e informações particulares soube que realmente esteve à venda a *Monografia* no recinto da Exposição. Como, porém, decorressem meses sem que o Gabinete Português de Leitura se manifestasse por qualquer fórma, enviei uma procuração ao sr. Duffner, que gentilmente se encarregou de liquidar os exemplares vendidos, e de delegar noyamente no Gabinete Português de Leitura, por aquele senhor regressar a Portugal, o encargo de tudo que com a *Monografia* se relacionasse.

Recebeu-se a quantia liquidada, muito inferior às despesas por mim feitas com a publicação do folheto. Resolvi então desistir de qualquer outro rendimento pecuniário, que transferi em proveito da autora, até que se prefizesse o total por mim dispendido, o que foi comunicado ao Gabinete Português de Leitura, que no caso procedeu e procederá como entender.

O produto líquido da venda é propriedade da benemérita instituição portuguesa.

Como se vê, a representação, por convite, do Museu Rafael Bordalo Pinheiro na Exposição do Rio de Janeiro foi-me, em tudo e por tudo, desagradabilíssima.

Colaborei, por convite, no chamado *Livro de Ouro*, da Exposição do Rio de Janeiro, em mais de um local referente ao Museu: ; nunca se recebeu para o arquivo do Museu um único exemplar!

*

Em quanto o Museu foi propriedade minha, visitaram-no 7.948 pessoas, em 183 domingos, e rendeu 1.685 escudos, distribuídos

integralmente pela Cruz Vermelha, Cruzada das Mulheres Portuguesas e Asilo de S. João.

Entendi sempre que as entradas deviam ser pagas, para se conseguir selecção de visitantes, e como seguro elemento estatístico.

A Câmara não é desta opinião, e dá entrada livre. É rica, não carece de migalhas, felizmente.

Após a doação, o número de visitantes até 12 de Março do ano corrente, foi de 1.722, em 65 domingos e quintas feiras.

As melhores compensações que tenho tido aos meus esforços de consagração a um Artista, glória da pátria, e de alguma coisa tentar fazer em prol da Arte e da minha terra, guardo-as gratíssimas no coração.

Devo-as ao público e à imprensa. Àquele, pela afluência; a esta, por ter sido para mim benevolentíssima.

Na afluência do público e na benevolência da imprensa colhi os melhores incitamentos, a recompensa mais honrosa e desvanecedora.

Negra falta seria a minha se não exarasse aqui a imorredoura gratidão, que me prende a muitos doadores tão desinteressados como carinhosamente amáveis.

bibRIA

NOTAS FINAIS

Consta da escritura de doação a seguinte cláusula: haverá recintos reservados no Museu com explícitas declarações de encerrarem as peças cerâmicas, ou outras, que as Senhoras D. Helena Bordalo Pinheiro e D. Angélica Barreto da Cruz Bordalo Pinheiro venham a oferecer. Estas Senhoras possuem peças importantes e numerosas, que de-certo destinam ao Museu, e grande ingratidão seria que os seus nomes não ficassem vinculados à consagração definitiva do grande artista, pai da primeira Senhora e sogro da segunda.

Entre vários alvitres por mim apresentados à Câmara Municipal, figura o de se patentear ao público um *Quadro de Honra*, onde se especifiquem os doadores de peças cerâmicas, ou

gráficas. É uma simples manifestação de grata justiça. Defendi e defendo que tôdas as peças oferecidas tenham letreiros com o nome dos oferentes.

Existe no Museu de Arte Contemporânea um grande retrato de Rafael Bordalo Pinheiro, devido ao pincel glorioso de seu irmão, Mestre Columbano, doado ao museu rafaélino pelo malogrado e admirável artista, que se chamou Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro. Está confiado à guarda do autor por a falta de espaço não ter permitido ainda que fôsse exposto no Museu a que pertence. Destina-se à futura Sala de Homenagens e Recordações.

O primoroso artista, Sávedra Machado, executou desinteressadamente, por dedicação ao Museu e ao seu fundador, algumas cópias em nada inferiores às de Luís Calado Nunes.

Mário Santos, talentoso artista, algumas cópias fez também com notável probidade.

Tôdas as peças rafaelinas, dispersas por outros museus, deveriam ser reünidas no Museu Rafael Bordalo Pinheiro. Os museus de especialidade, sobretudo de consagração a um artista, prevalecem aos genéricos.

Bom seria que tôdas as pessoas, que possuem peças rafaelinas, as oferecessem, ou depositassem, sem perderem a sua propriedade, se assim o quisessem, no Museu Rafael Bordalo Pinheiro. Principalmente peças com dedicatórias a notabilidades, ou que as representem, em parte alguma atingiriam o fim preiteante como no Museu, à vista permanente do público. Passavam de consagrações, agora íntimas e restritas, à consagração definitiva e geral.

O Museu Rafael Bordalo Pinheiro dista uns oito quilómetros da Câmara Municipal. ;Não está a ela ligado telefonicamente! ;Num caso de incêndio, assalto, ou qualquer outro incidente grave, está indefeso! O que não se exige a tempo, tarde ou nunca se alcança.

Alvitrei que se passasse a dominar o Campo Grande, a exemplo de outras mudanças de nomenclatura de jardins públicos, Parque do Museu Rafael Bordalo Pinheiro. Era mais uma justa consagração ao nome do glorioso Artista, e, por assim dizer, um reclamo ao Museu, propriedade da Câmara Municipal.

O cálculo do valor da doação, à parte as cem acções do Banco Lisboa & Açores, é o seguinte: 250 contos para o prédio e 300 para o Museu. Estes valores são baixos. O prédio vale, indubitavelmente, quantia superior ao dôbro da que lhe arbitraram e que eu aceitei para não levantar complicações; o Museu, dadas as exorbitâncias actualmente exigidas pelas raras peças rafaelinhas, que aparecem à venda, é baixissimo também.

Para juntar às inúmeras sensaborias sofridas:

Um escritor notável possui um original, que o representa, nunca o ofereceu.

Um industrial falecido, que muito privou

em negócios e em relações de amizade com Rafael Bordalo, possuía um bom retrato representando o ilustre caricaturista, várias vezes me negou a sua existência. O retrato a óleo está hoje na posse de um herdeiro do extinto, que por êle exige quantia de vulto.

Um grande industrial, também da primança do primacial caricaturista, possui várias peças cerâmicas, nem sequer consentiu que elas fôsem expostas com a declaração expressa de lhe pertencerem, e documento legal meu, que lhe garantisse a posse.

Um escritor, intimamente ligado ao Museu, possui uma peça cerâmica, aliás de pouco valor, que obtive na Feira da Ladra, após recusa do proprietário para a oferecer ao Museu.

Uma actriz, a meu pedido, expôs três aquarelas. Visitou o Museu e viu-as em lugar de honra. Pouco tempo depois exigiu-mas. Levei-lhas. Ao vê-las afirmou-me que eram cópias e não os seus originais!... É um caso picaresco, que não vale a pena esmiuçar.

Um conhecido jornalista portuense, pedindo-lhe alguém para oferecer ao Museu umas coisas rafaelinas, respondeu: — não, estive lá, aquilo já vale alguns centos de contos, e o

Magalhães pode um belo dia reduzir tudo a patacos.

A narrativa das arrelias e desgostos, causados pelo Museu à minha humilde pessoa, não terminaria nunca. O exposto basta para dar uma idéa.

A tôdas as contrariedades desanimadoras sobreleva, porém, justo é confirmá-lo, o procedimento insólito da Câmara Municipal transacta, que muito pela rama anteriormente expus.

Muitas das pessoas a que aludi gozaram a convivência íntima e longa de Rafael Bordalo Pinheiro, eu falei-lhe uma única vez em tôda a minha vida.

Nem tudo são espinhos. Afóra a satisfação da própria consciência, largas compensações obtive: da imprensa, cujas referências ao Museu enchem 155 páginas de um grande album; do público, em geral, cuja afluência ao Museu, importantíssima, é desvanecedora; de pessoas de alta categoria mental e social,

que me têm dado provas de carinhoso aplauso ; de muitos doadores desinteressados e dos membros do cativante Grupo dos Amigos Defensores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro. Para todos a minha imarcessível gratidão.

Entre os doadores, cuja lista é honrosissimamente extensa, cumpre-me salientar o venerando ex-presidente da República, dr. António José de Almeida, que ofereceu duas preciosas peças cerâmicas, e se dignou escrever numa fotografia, exposta no Museu, o seguinte : «Ao Museu Rafael Bordalo Pinheiro — o pequeno maravilhoso templo da Arte, de que Cruz Magalhães foi o constructor comovido e é o celebrante entusiasta, em 6-8-921 — *António José de Almeida*».

Expansão grata do venerando ex-chefe de Estado : foi no entêrro de Rafael Bordalo Pinheiro que o ardoroso tribuno e grande homem público se estreou em Lisboa, num discurso empolgante, que ficou memorável.

Muito gentil foi também com o Museu a

Senhora D. Helena Bordalo Pinheiro. Bastantes ofertas fez, assás valiosas, e creio que destina ao Museu tôdas as outras peças cerâmicas, que possui, assim como livros com dedicatórias a seu glorioso Pai, muitas fotografias, o grande album de consagração, colaborado por todos os artistas do tempo, etc.

Não exaro aqui a extensa lista dos generosos doadores para não alongar mais estas notas, e por ter fé que ela será exposta no Museu.

No Museu existe uma lista de numerosas peças rafaélinas dispersas por mão de particulares e em outros museus.

ADENDA :

Os quadros a que me referi na página 50 regressaram ao Museu no dia 26 de Fevereiro do corrente ano.

O Venerando Presidente da República di-

gnou-se voltar ao Museu no dia 15 de Março. Infelizmente, por não estar ainda pessoal algum à hora a que Sua Excelência desejava vê-lo, um pouco antes das 12, pela segunda vez se malogrou a honrosa visita presidencial.

Relevem-se algumas faltas de coordenação, provocadas por doença do compilador, que não pode fazer um trabalho cronológico, devidamente cuidado; doença que motivou também, como claramente se depreende do texto, uma grande demora na publicação dêste livrinho.

Abril de 1925.

bibRIA

bibRIA

NOTA DOCUMENTAL

É do teor seguinte o officio em que me offereci para ser nomeado gratuitamente bibliotecário da futura biblioteca pública da Câmara Municipal de Lisboa, no Campo Grande:

*Ex.^{mo} Senhor Presidente e Ilustres
Vereadores da Câmara Municipal de Lisboa:*

Estando resolvida a criação de uma biblioteca, anexa ao Museu Rafael Bordalo Pinheiro, ousou tomar a iniciativa de me oferecer gratuitamente — em homenagem aos Ex.^{mos} Senhores Vereadores da Câmara Municipal de Lisboa, em geral, e ao benemérito propagandista da Instrução e provado amigo da infância, Ex.^{mo} Sr. Alexandre Ferreira, em particular — para de-

semprenhar o cargo de bibliotecário da mesma biblioteca. As minhas habilitações serão talvez bastantes: curso geral dos Liceus e as cadeiras de Química e de Economia Política da Escola Politécnica, além de várias tentativas literárias publicadas. Do zelo que votarei ao desempenho do cargo poderá falar o amor que sempre tive à minha Pátria, e à Cidade de Lisboa, em que nasci.

Não procuro com este espontâneo oferecimento senão poupar, enquanto vivo fôr e as forças me não desemparem, uma despesa à Câmara Municipal e o embaraço que os senhores vereadores, principalmente o da Instrução, poderão ter na escolha dos pertendentes ao lugar, certamente innumeráveis.

É indubitável que, à parte o servente e contínuo, indispensável se torna um funcionário responsável para superintender nos serviços internos da biblioteca; quanto mais modesta fôr a designação do funcionário mais se coadunará com a própria modéstia da minha insignificante pessoa, que não deseja nenhuma espécie de recompensa, afora a satisfação do dever cumprido.

Faço este oferecimento desde já para evitar futuras complicações.

Desejo cordealmente à Ex.^{ma} Câmara Municipal de Lisboa

Saúde e Fraternidade.

Lisboa, 20 de Outubro de 1924.

Artur Ernesto de Santa Cruz Magalhães

Fundador e doador do Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Nunca obtive resposta a êste officio.

bibRIA

bibRIA

RAFAEL BORDALO PINHEIRO

E

O MUSEU RAFAEL BORDALO PINHEIRO

bibRIA



RAFAEL BORDALO PINHEIRO EM 1880.

Dr. MAGALHÃES LIMA

Rafael Bordalo
Pinheiro ~ ~ ~

Moralizador político e social

CRUZ MAGALHÃES

O Museu Rafael
Bordalo Pinheiro



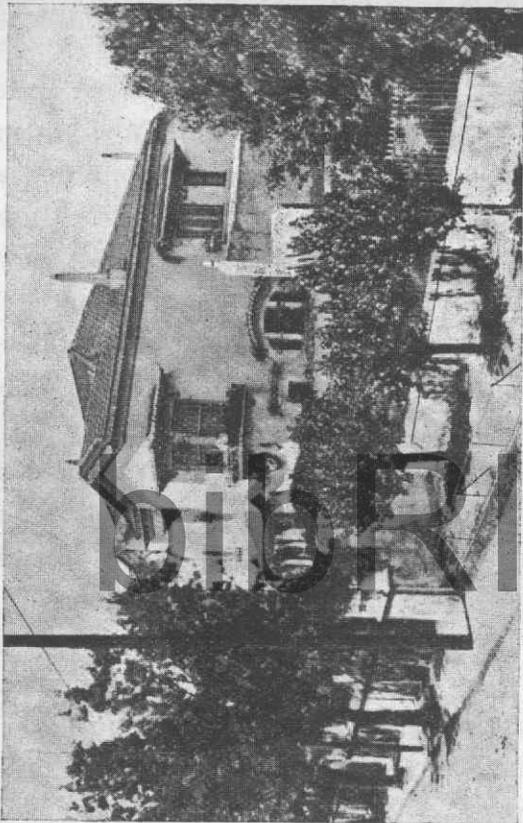
COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1925



DR. MAGALHÃES LIMA
(Caricatura de Francisco Valença)

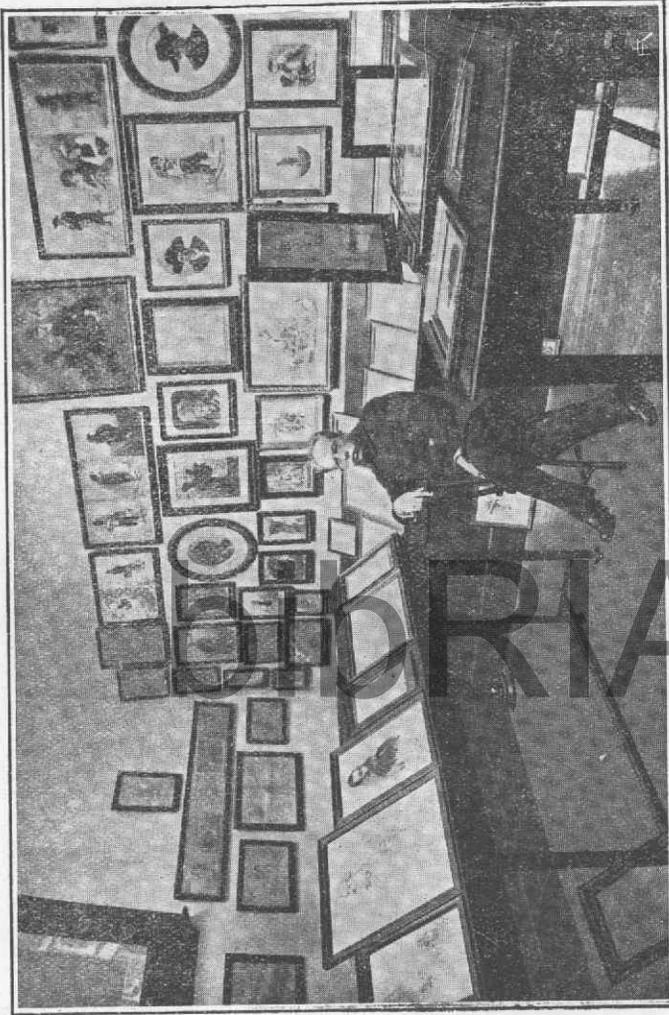


EDIFÍCIO ONDE ESTÁ INSTALADO O MUSEU
RAFAEL BORDALO PINHEIRO



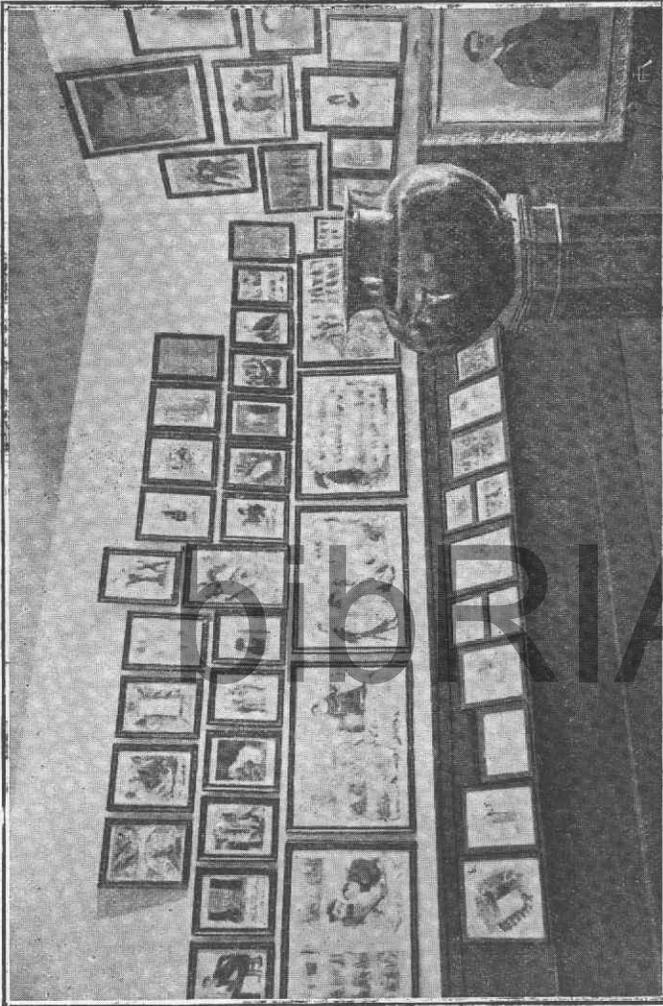
MUSEU RAFAEL BORDALO PINHEIRO

Sala I



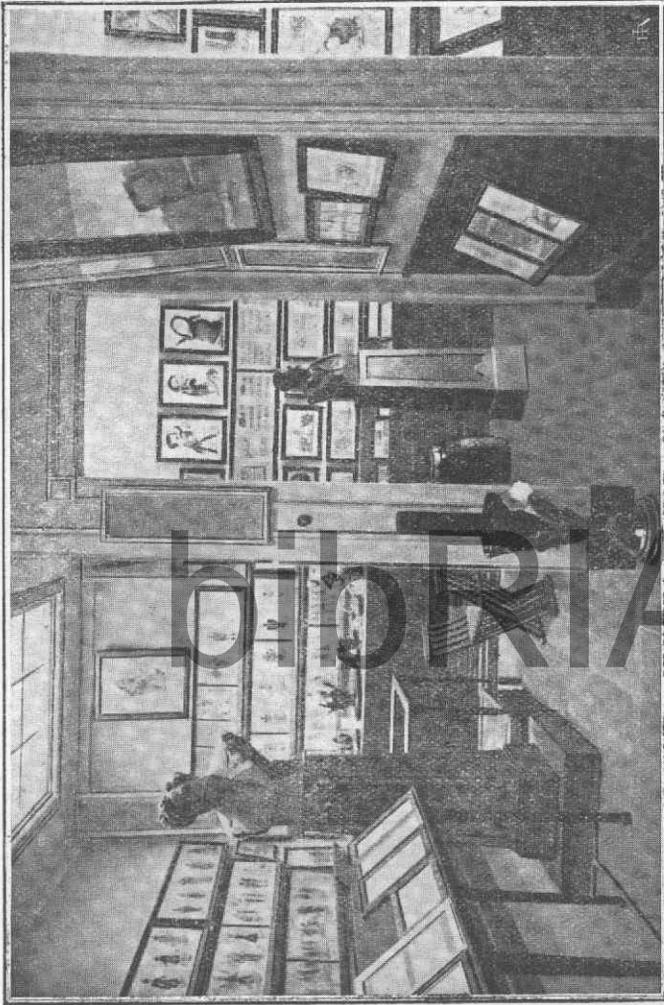
MUSEU RAFAEL BORDALO PINHEIRO

Sala III



MUSEU RAFAEL BORDALO PINHEIRO

Sala Brasil (VI)



MUSEU RAFAEL BORDALO PINHEIRO

Sala IV e parte das V e VI



MUSEU RAFAEL BORDALO PINHEIRO

Sala VII